

Bem-estar ocupacional nos sistemas educativos europeus: Parceiros sociais na educação enfrentando o impacto duradouro da crise da COVID-19

Resumo Executivo

O projeto de pesquisa APRES COVID, cofinanciado pela Comissão Europeia e implementado pelo Comité Sindical Europeu da Educação (ETUCE) e pela Federação Europeia de Empregadores da Educação (EFEE), oferece uma análise aprofundada do impacto a longo prazo da crise da COVID-19 no bem-estar ocupacional no setor da educação. Com base em revisões de literatura, um inquérito europeu e estudos de caso na Eslovénia, Portugal e Malta, o estudo identifica os riscos psicossociais laborais (RPL) que afetam o pessoal educativo e destaca como o diálogo social e a ação conjunta podem apoiar uma recuperação sustentável.

Principais conclusões apontam para um aumento dos riscos psicossociais durante e após a crise. Os profissionais da educação enfrentaram intensificação do trabalho, fronteiras difusas entre vida profissional e pessoal, maior stress e risco de burnout. Durante o encerramento das escolas, a transição para o ensino online e híbrido expôs desigualdades no acesso à tecnologia e competências digitais. Embora muitos se tenham adaptado, a rapidez da mudança gerou “tecnostress”, especialmente entre quem tinha pouca experiência prévia em ensino online. Ao mesmo tempo, esta transformação deixou um legado positivo duradouro: competências digitais melhoradas, maior flexibilidade nos métodos de ensino e integração mais ampla de ferramentas digitais, que continuam a enriquecer as práticas pedagógicas após a pandemia.

A pandemia também evidenciou desafios já existentes nos sistemas educativos: diminuição da atratividade da profissão docente, escassez de pessoal e erosão do equilíbrio entre vida profissional e pessoal. A maioria dos professores europeus, predominantemente mulheres, assumiu responsabilidades acrescidas em casa, tornando-os particularmente vulneráveis ao stress e ao esgotamento. A pesquisa mostra que estas pressões não desapareceram com a reabertura das escolas; pelo contrário, o período pós-pandémico tem visto impactos duradouros na carga de trabalho, nas expectativas de disponibilidade digital e na saúde mental dos profissionais da educação. Isto também se reflete em implicações económicas. Segundo a OCDE, os problemas de saúde mental relacionados com o trabalho custam à UE cerca de 600 mil milhões de euros por ano, devido à redução da produtividade, absentismo, presentismo e aumento das despesas com saúde. Sem reformas sistémicas, prevê-se que a escassez se agrave.

A crise também revelou a importância central do bem-estar dos professores para a qualidade da educação e os resultados dos alunos. As evidências indicam que, quando os professores enfrentam stress e burnout, o desempenho e o bem-estar emocional dos alunos também diminuem. Por outro lado, professores que se sentem apoiados conseguem promover ambientes de aprendizagem inclusivos e resilientes. Neste sentido, o bem-estar ocupacional é uma das condições essenciais para o sucesso e a equidade educativa.

O relatório também identifica desenvolvimentos positivos. A crise acelerou a digitalização, introduziu práticas inovadoras no ensino e na aprendizagem e estimulou um debate mais amplo sobre a importância do investimento público na educação. Muitas escolas e universidades adotaram novas ferramentas digitais que continuam a ser utilizadas, melhorando a comunicação, a acessibilidade e a colaboração. Soluções híbridas para reuniões com pais, partilha digital de recursos e oportunidades flexíveis de desenvolvimento profissional aumentaram a eficiência e a inclusão em alguns contextos. Importa salientar que a crise reforçou a necessidade de um diálogo social mais forte entre sindicatos e empregadores, garantindo que as vozes dos professores e do pessoal sejam ouvidas na definição de políticas para a resiliência e a recuperação.

As implicações mais amplas destas conclusões levantam questões sobre a sustentabilidade a longo prazo de uma profissão de elevada qualidade na educação em toda a Europa. Se os desafios relacionados com as condições de trabalho não forem sistematicamente abordados, existe o risco de danos duradouros na qualidade e continuidade da educação. A escassez de professores ameaça comprometer os resultados dos alunos, aumentar o tamanho das turmas e colocar maior pressão sobre os profissionais que permanecem. Num cenário em que a profissão não consegue atrair novos talentos ou reter professores experientes, os sistemas educativos podem entrar numa espiral descendente – profissionais sobrecarregados tornam-se menos eficazes e mais propensos a doenças ou abandono, o que, por sua vez, sobrecarrega ainda mais os restantes. É também um lembrete de que os problemas evidenciados pela COVID-19 não são totalmente novos, mas sim fraquezas estruturais que a crise expôs. Questões como subfinanciamento, intensificação do trabalho e apoio desigual aos educadores já existiam antes da COVID-19. Como resultado da crise, vemos agora mais claramente que as condições de trabalho e a saúde mental são inseparáveis da qualidade da educação. O bem-estar e o compromisso dos educadores são a base do sucesso dos alunos, da resiliência dos sistemas educativos e da força das sociedades.

Assim, salvaguardar a saúde psicossocial dos profissionais da educação não é apenas uma questão de bem-estar laboral. Como demonstram os dados do inquérito, os parceiros sociais da educação estão plenamente conscientes dos desafios que afetam as condições de trabalho e o bem-estar dos profissionais em todos os níveis, e estão a trabalhar de forma ativa e bem-sucedida para os enfrentar. Os parceiros sociais estão bem posicionados para promover o diálogo social, destacar os desafios mais prementes e influenciar decisões políticas a nível institucional e governamental. Atuam também como defensores, podendo chamar a atenção para questões de saúde mental, equilíbrio entre vida profissional e pessoal e riscos psicossociais que afetam os educadores, promovendo assim maior sensibilização e ação contínua. De facto, enfrentar estes desafios complexos e muitas vezes profundamente

interligados exigirá uma ação ousada e coordenada e, acima de tudo, um forte compromisso com o aumento do investimento no setor da educação em toda a Europa.

É verdade que a profissão no setor da educação sempre foi intelectualmente, emocionalmente e psicologicamente exigente, bem como profundamente gratificante. Isto porque trabalhar na educação significa ser especialista na sua área e possuir as qualidades certas – ser cuidadoso, empático, compassivo, curioso e um aprendiz ao longo da vida. Com o aumento das exigências e expectativas dos educadores e das instituições educativas, também devem aumentar os recursos e o apoio.



Financiado pela União Europeia. As opiniões e pontos de vista expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia. Nem a União Europeia nem a entidade financiadora podem ser responsabilizadas pelos mesmos.

EU Project 101102378 - APRES COVID